

PACIÊNCIA: descrição em uma experiência musical artística

GTE 12 – Ensino de música nas escolas de educação básica

Comunicação

*Alex Barbosa de Lima)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
Alexlb.lima@gmail.com*

Resumo: O presente relato retrata uma experiência vivenciada em disciplina concluída no primeiro semestre de 2021, no Mestrado Profissional em Arte da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Envolve pressupostos teóricos estudados que a partir de reflexão crítica possibilitou pensar em práticas para aulas na Educação Básica, na disciplina Arte com atuação na linguagem Música. Como aporte teórico recorreremos à Souza (2021) para fundamentar a descrição denotativa e conotativa como possibilidades poéticas para as quatro linguagens da Arte e Bondía (2002) por abordar a experiência no campo educacional. Como exercício teórico e prático foi selecionada a Música “Paciência” (LENINE; DUDU FALCÃO), interpretada pelo Coral da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) em que a mensagem se torna acrônica por sua conexão com a realidade pandêmica causada pela COVID 19. A aplicação da proposta em sala de aula está em andamento devido ao retorno escalonado dos alunos para as aulas presenciais possibilitando a retomada da prática coral.

Palavras-chave: Educação Musical, Canto Coral, Aula de Arte.

Introdução

Como docente na área de Arte, atuando com a linguagem Música, venho constituindo uma práxis embasada em estudos teóricos e experiências que envolvem o ensino da música na escola por meio da prática do Canto Coral. Nos anos de 2013 a 2015 participei como monitor no Projeto Coral Infantojuvenil da UFMS (PCIU!), o que possibilitou aproximação com o canto coral Infantojuvenil na perspectiva de Gaborim-Moreira (2015)¹

Tal aproximação me possibilitou realizar pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso em Música no projeto PCIU! em 2014, intitulado Desenvolvimento Rítmico, Solfejo e Improvisação: o Coro infantojuvenil na perspectiva do Método Dalcroze.

1 A autora, em sua tese, pesquisa “[...] a Regência Coral Infantojuvenil como uma prática que se constrói sobre processos de ensino-aprendizagem e se consolida na performance artística” (2015, p. 25).

Como profissional e acadêmico do curso de mestrado, há sempre uma tendência em pensar, estudar e vivenciar várias vertentes para o desenvolvimento musical que perpassa pela área do canto coral em sala de aula, uma vez que ele é uma prática musical que desperta habilidades artísticas e possibilita diversas experiências ao aluno.

[...] o coro infantil é uma das atividades mais impressionantes das quais uma criança pode tomar parte, não somente na área da música, mas de forma geral, na formação e na educação do jovem. Num coro, as crianças têm muito mais oportunidades de aprendizado que em qualquer outra atividade que costumam realizar. Primeiramente, percebo o grande prazer que uma criança sente no seu cantar. É algo que ela gosta, e já faz normalmente, sem a preocupação de estar cantando certo ou errado. [...] Esse trabalho não trata de fazer uma criança pensar ou agir como adulto, de desenvolvimento precoce, mas sim de proporcionar experiências sociais, musicais e artísticas, que façam com que ela se torne parte de algo importante, valorizado. A criança sente-se à vontade para se expressar, ao mesmo tempo em que respeita o espaço do colega. Há um crescimento social, cultural, cognitivo, criativo, espacial, lógico, etc... E se aprende brincando (LAKSCHEVITZ, 2006, p. 29).

É nesse contexto que propomos reflexão sobre a aula de Arte na escola pública, fundamentada em estudos e diálogos realizados na disciplina “A Experiência Artística e a Prática do Ensino de Artes na Escola”.

Para tanto, recorreremos à Souza (2021) e à Bondía (2002). O primeiro, à luz da fenomenologia traz os conceitos de estética, de descrição conotativa e denotativa e uma narrativa norteadas pelos eixos fenômeno, experiência estética e arte popular. E o segundo, fundamenta seu pensamento na educação a partir do par experiência/sentido “contrapondo-se ao modo de pensar a educação como relação entre ciência e técnica, ou entre teoria e prática” (BONDÍA, 2002, p. 168).

A partir das reflexões dos autores supracitados, recorreremos ainda à versão preliminar do Referencial Curricular (RC) da Rede Municipal de Ensino (Reme) de Campo Grande, MS, documento curricular adequado à Base Nacional Comum (BNCC, 2017) no ano de 2020 que pontua sobre o papel da Arte na escola.

A Arte na escola deve desenvolver a educação (sensibilização) **estética**, crítica, cultural, política e social, cabendo ao professor a tarefa de mediar tais saberes a partir de **experiências** e conhecimentos em Arte e considerando também os conhecimentos prévios dos estudantes como significativos pontos de partida para a apreensão dos

conhecimentos de Arte historicamente acumulados (CAMPO GRANDE, 2020, p. 36, grifo nosso).

A par dessas premissas realizaremos proposta para a aula de Arte nos anos finais do ensino fundamental, que perpassa pelo sentido da experiência estética, por meio da experiência artística com a expressão corporal no Canto Coral da Música “Paciência” em um exercício descritivo a partir de Souza (2021).

Experiência e Experiência Artística pelo Canto Coral

O Canto Coral infantojuvenil propicia atividades variadas que envolvem o lúdico, e, dessa forma oferta momentos² para a experiência acontecer, uma vez que ela “[...] é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (BONDÍA, 2002, p. 21).

Na experiência humana, ainda que uma mesma situação seja vivenciada por duas pessoas ou até pela mesma pessoa novamente, será diferente, pois “o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. [...] não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece” (BONDÍA, 2002. p. 27).

Nessa linha de raciocínio, cada aluno participa, vivencia e expressa sua criatividade de várias maneiras, compreende ou não uma prática artística e pode descrevê-la a partir de sua essência. A subjetividade das representações se revela na sala de aula a partir do que o aluno tem como experiência, sua vivência e suas convicções as quais podem fazer sentido ou não.

Figura 1: Tirinha da personagem Armandinho.



² Preparação vocal: alongamento, relaxamento, exercícios de respiração, vocalizes que acontecem ludicamente interligados aos movimentos corporais. O repertório musical e a *performance* pública.

Fonte: BECK, 2017.

A tirinha de Beck (2017) demonstra uma situação onde cada personagem, por meio de diferentes expressões, demonstra cuidado, proteção. A partir desta interação pode surgir outro componente fundamental da experiência que para Bondía (2002) é sua capacidade de formação ou de transformação, levando-os a refletir sobre novos ideais ou perspectivas que talvez anteriormente eram desconhecidas.

Para Souza (2021):

Ao refletir sobre a palavra falada, as imagens criadas, os signos utilizados, em diálogo respeitoso com outras pessoas, esse conjunto se torna acessível para o grupo, as coisas se mostram, identificam-se potencialmente as representações que alienam o Ser mais desvelam-se as possibilidades de mudança das realidades/verdades, que nunca são singulares no contexto amplo da totalidade (SOUZA, 2021 p. 27).

As possibilidades de vivências artísticas nas aulas podem revelar perspectivas diferentes em nossos alunos ao perceberem os timbres, ao brincarem com a criação de ritmos e expressões corporais ou com uma nova peça musical. Porém esse “sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, receptividade, disponibilidade, por sua abertura” (BONDÍA, 2002, p. 24). Nesse viés a passividade se refere ao aluno se permitir vivenciar, se envolver no que está realizando, sem preocupações coma correria do dia-a-dia.

Desta maneira, cada aula é marcada por impressões que ficam registradas nos participantes revelando que “ensinar às crianças como fazer e como compreender música; ensinar habilidades vocais, de leitura e conhecimentos musicais, é um meio de apreciar a música em si mesma.” (RAO, 1990, p. 6). Ao se permitir e se envolver, o professor torna o ensino da arte/música uma experiência motivadora promovendo um meio propício para transformações.

E no meio educacional com todas as suas diversidades, cabe ao professor uma constante tentativa de despertar os alunos por meio da arte para que haja uma mudança no *status quo* e conseqüentemente a emancipação pois [...] toda potencialidade do ensino de Arte só se concretiza nas práticas pedagógicas se o professor de Arte acreditar que pode atuar como um articulador de transformações [...] (BRAZIL; MARQUES, 2014, p. 29).

Na busca pela emancipação, é importante pensar o canto coral na escola com possibilidades diversificadas: “valorização das poéticas das quatro linguagens [...] como um caminho de acesso aos processos educativos em Arte, por meio da Estética³” (SOUZA, 2021, p.2). O autor (2021) descreve de maneira atrativa as obras apresentadas de forma conotativa que envolve os sentimentos ou algo mais abstrato sobre a obra apreciada, nos remetendo a uma dimensão além do visualizado em uma descrição denotativa.

Na música, observa-se que a descrição pela denotação ou sentido literal, sem alegorias, pode ser representada pela própria partitura musical, postura e expressão corporal das crianças de um coral em uma perspectiva do corpo que canta e se movimenta demonstrando sua intencionalidade. O som que escutamos das vozes cantadas pode ser descrito de forma conotativa ao se referir ao timbre suave e encantador que ecoa das vozes, o sentimento causado pela tonalidade, sensações causadas pelo ritmo e dinâmica das notas, ou seja, vai além dos elementos musicais em si.

As duas formas de descrição de obras de arte podem ser possibilidades pedagógicas para a sala de aula contribuindo para a relação da experiência dos alunos com a obra, de forma a propiciar reflexão crítica e emancipadora. Para Souza (2021) a estética da arte deve ser pautada em termos éticos, e na escola é importante compreender as formas e execuções artísticas desenvolvidas a partir das vivências de nossos alunos. “A experiência estética que se desvela no trabalho de artistas desde seu sentido existencial, denota escolhas políticas e carrega uma perspectiva ética de relações sociais que lhes pertencem de forma fenomênica” (SOUZA, 2021, p. 26).

Para um exercício significativo, apresentamos a seguir uma descrição denotativa e conotativa da música “Paciência” (LENINE; DUDU FALCÃO), com arranjo de Patrício Souza e interpretação do Coral da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)⁴ no projeto artístico Cinco Olhares Sobre Lenine. A descrição da performance artística foi realizada a partir da apreciação do vídeo⁵ e acesso a partitura⁶ disponível por Pereira (2013), sem acesso a versão da partitura utilizada pelo Coral da UNIFESP, porém com tonalidade e melodia preservadas.

³ Estética “[...] designa qualquer análise, investigação ou especulação que tenha por objeto a arte e o belo, independentemente de doutrinas ou escolas” (ABBAGNANO, 2015, p.367)

⁴ Link sobre o Coral UNIFESP: <https://coral.sites.unifesp.br/site/projetos/19-cinco-olhares-sobre-lenine>.

⁵ Link para apreciação da Música “Paciência”: <https://www.youtube.com/watch?v=byOimRCQKTc>.

⁶ Letra, partitura da melodia com cifra da música “Paciência”. Encontrada em Pereira (2013, p. 69-139).

Figura 2: Coral UNIFESP - Cinco Olhares Sobre Lenine. “Paciência”, dez. 2016. Print do Vídeo, Performance Canto Coral



Fonte: Coral UNIFESP, 2016.

A canção “Paciência” se insere no campo da Música Popular Brasileira (MPB), ou seja, “a arte popular que contempla a produção concreta de pessoas que em suas criações materializam anúncios e/ou denúncias de sua experiência com o mundo vivido e com outrem” (SOUZA, 2021, p.2). Ela foi composta na forma binária (AB) cuja divisão completa é introdução – A – A – B, repetindo-se a partir de A. Tem um andamento moderado a lento. A letra é dividida em quatro estrofes com melodia tonal, em sol maior.

A pouca variação rítmica e os intervalos aproximados mostram o interesse dos compositores em passar uma mensagem relacionada à calma, à paciência, sem rapidez ou grandes saltos. Há repetição de notas que “pode revelar o desejo dos autores de mexer com seus ouvintes até que sua mensagem seja inculcada” (PEREIRA, 2013, p. 71).

A introdução da música ao som do violão em arpejo, instrumento de percussão carrilhão com efeito sonoro agudo e suave, como se a intenção do arranjador fosse provocar no ouvinte uma sensação de tranquilidade, suspense ou fantasia. A performance é iniciada com as luzes apagadas e aos poucos clareando enquanto os coralistas se movimentam lentamente no palco. As mulheres começam a cantar a música em uníssono e todos fazem movimentos de digitação em que os interpretes passam a sensação da correria causada pelo trabalho nas grandes cidades. Em seguida há um som como o de chocalho, claves e reco-reco.

No fim da frase da primeira estrofe, na palavra “para”⁷, ouvimos a divisão de vozes entre soprano e contralto.

Na segunda estrofe os homens entram, há divisão de vozes entre eles e mulheres e todos andam ligeiramente. No fim da segunda estrofe, na frase “a vida é tão rara” as vozes são divididas pelos naipes soprano, contralto e tenor/baixo nas mesmas notas. Os coralistas param e olham fixo para o público. No trecho musical “enquanto o tempo acelera e pede pressa, eu me recuso, faço hora, vou na valsa” o arranjador expressa a forma com que Bondía (2002) concebe a experiência: uma maneira calma, sem a correria do cotidiano e que há um enfoque no momento vivenciado.

Na terceira estrofe, as vozes entram divididas por naipes e ouvimos ao fundo um som com efeito bem curto como o de uma kalimba. Todos se abaixam e deitam na frase “o mundo vai girando cada vez mais veloz”. No vídeo, o trecho 1min23s, os coralistas começam a se levantar como se estivessem emergindo.

A parte B – quarta estrofe é iniciada com sopranos na melodia, e os demais cantando as vogais “U, A”, andando lentamente pelo palco. Todos entram dividindo vozes entre os naipes em “e quem quer saber? a vida é tão rara”, encenando pequenas situações do cotidiano o que percebemos como o *amiudamento*⁸. Contraltos, tenores e baixos cantando “U, A” novamente e repetição das palavras “eu sei”, pelos mesmos. Na frase “a vida não para” (todos param e olham para o público), há divisão das vozes e uníssono na repetição. É realizada uma passagem, ponte na música com risos, gargalhadas e comemorações com movimentos corporais de levantar os braços e os coralistas se abraçam, enquanto o violão realiza essa passagem também com os acordes em arpejo.

Os coralistas voltam cantando em uníssono para a primeira estrofe, parte A, da mesma maneira que na primeira vez. Há uma diferença vocal apenas na última estrofe em que para finalizar a música os cantores dividem as vozes em “a vida não para”, cantam em uníssono em repetição da frase “a vida não para” e finalizam dividindo as vozes novamente na palavra “não”. Há diferenças no movimento corporal da performance entre a primeira vez que cantam esse motivo. Na primeira estrofe as mulheres andam lentamente entre os homes que estão estáticos até a frase “A vida é tão rara” e todos correm em círculo na frase

⁷ Na descrição as aspas serão utilizadas também para indicar frases ou palavras da música.

⁸ Pelo “*amiudamento* podemos produzir sentidos para nossa vida, incessantemente, inclusive nas situações mais difíceis” (SOUZA, 2021, p. 4).

“enquanto todo mundo espera a cura do mal” (trecho 3min13s). Apaga-se as luzes no trecho 3min29s e todos andam lentamente em círculo com as luzes dos celulares acesas. Acendem as luzes em 3min48s e todos andam lentamente em círculo enquanto uma das coralistas passa pelos demais olhando dentro dos olhos, entrando na frente, os tocando com gestos de quem pede ajuda, porém ninguém a corresponde. A música é finalizada com todos olhando para o público.

A descrição apresentada pode ocorrer por várias interpretações de acordo com as habilidades, experiências ou viés de quem a descreve. Neste artigo ela foi inspirada em Souza (2021) e direcionada para iniciação à apreciação musical em que o professor/pesquisador se apoiou para aulas em turmas de alunos que não tiveram contato anterior com a linguagem música na disciplina Arte. Há consciência de que vários desdobramentos específicos da educação musical podem ser contemplados e também são previstos no Referencial Curricular (RC)⁹ da Reme de Campo Grande, MS, (2020), versão preliminar, conforme exemplo das habilidades a seguir:

(CG.EF69AR20.s) Explorar e analisar elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de recursos tecnológicos (games e plataformas digitais), jogos, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musicais. [...] (CG.EF69AR31.s) Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética (CAMPO GRANDE, 2020, p. 168-170).

Além das habilidades apontadas, há outras que contribuem para a variação de atividades que podem ser pensadas para a escola a partir de uma descrição individual, em grupo, ações contínuas em projeto escolar com duração bimestral ou semestral e podem ser concretizadas sequencialmente com a execução musical em Canto Coral e a criação de expressão corporal a partir da apreciação da música, dentre outras possibilidades. A seguir, relatarei brevemente como a descrição se deu nas aulas de Arte, no contexto de escola pública municipal e alguns caminhos que trilharei.

⁹ RC entendido como documento que norteia o ensino de Arte na linguagem música em escolas do município.

Prática na Escola

Após os estudos realizados e o exercício desenvolvido pelo pesquisador, foi possível concretizar as quatro aulas de uma hora, em turmas do 7º ano do Ensino Fundamental e das Fases Inicial II e Intermediário II da modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) com o mesmo planejamento, não havendo adaptações relevantes.

As aulas presenciais foram retomadas de forma escalonada seguindo as orientações sanitárias devido a pandemia da Covid-19. São atendidos cinquenta por cento dos alunos de cada sala no presencial durante uma semana, enquanto a outra porcentagem estuda em casa com atividades e exercícios complementares, havendo esse rodízio de semana na escola e na outra em casa.

Como recursos tecnológicos foram utilizados nas aulas um notebook, TV, caixa de som, quadro negro, áudio e vídeo da música “Paciência”. As aulas foram planejadas com a sequência que partiu da audição da música “Paciência”. Desta forma, os alunos ouviram a música inteira, somente o áudio com a versão disponibilizada no youtube¹⁰ pelo Coral da UNIFESP, mas não visualizaram o vídeo neste momento.

Foi solicitado aos alunos que se atentassem aos sons presentes na música. Após a apreciação musical foi realizada uma reflexão em conjunto onde cada um expôs suas impressões sobre o que escutou, relatando sobre elementos gerais que estavam relacionados aos sons, letra e demais fatores perceptíveis na música. Com isso foi realizada a descrição conotativa e denotativa por eles.

Quadro 1 – descrição realizada pelos alunos

Realizar uma descrição conotativa e denotativa do áudio da música “Paciência”	
Respostas dos alunos	Som do Violão e instrumento de efeitos diferentes. As mulheres iniciam cantando. O som como o de uma matraca. Existe uma segunda voz. Na palavra “para” as mulheres dividem as vozes. A vida é curta e o tempo passa rápido.

Fonte: registro particular do autor

¹⁰ Mesmo link da nota de rodapé de número 4.

O quadro 1 apresenta as ideias dos alunos sobre o áudio a partir das reflexões em conjunto e falas sobre as várias vozes que ouviam. o professor inseriu termos técnicos como as vozes referente aos naipes soprano, contralto, tenor e baixo, demonstrando vocalmente as diferenças dessas vozes em trechos da música.

Em outro momento foi proposto a apreciação do vídeo da música “Paciência” com toda a interpretação corporal realizada pelo Coro e demais composições de palco possíveis de observar no vídeo supracitado. Também foi seguida a sequência de reflexão em grupo sobre o mesmo. Para a reflexão se tornar mais efetiva, tanto no vídeo como anteriormente no áudio, realizou-se pausas no vídeo a cada trinta segundos para a turma falar sobre cada parte.

Uma aluna da EJA intermediária II verbalizou que durante o vídeo aparentava que as pessoas juntas formavam uma fogueira, conforme podemos observar na figura 2.

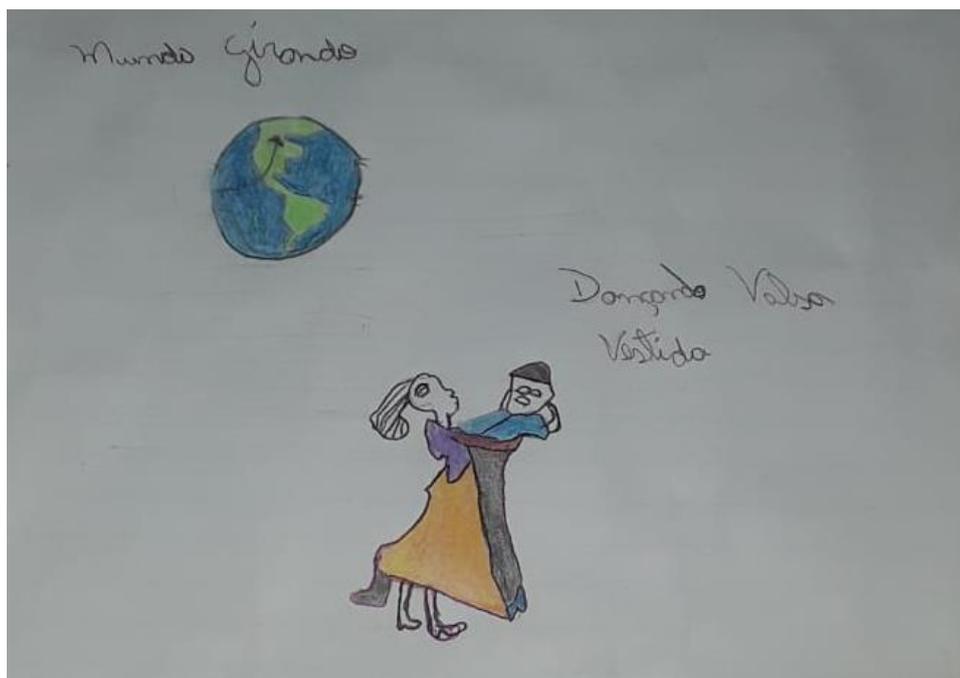
Quadro 2 – Descrição do vídeo realizada pelos alunos

Realizar uma descrição conotativa e denotativa do vídeo da música “Paciência”	
Respostas dos alunos	<p>As pessoas deitaram no chão.</p> <p>O tempo passa muito rápido.</p> <p>Um pouco mais de paciência.</p> <p>Dançam em círculo (muito bonito).</p> <p>As pessoas fizeram o formato de fogueira.</p> <p>O mundo pede para ter mais paciência.</p> <p>Música lenta.</p> <p>Fatos sobre o tempo e a vida.</p> <p>Encenavam situações do cotidiano.</p> <p>Seguravam um bebê.</p> <p>Uma mulher pedia ajuda e ninguém olhava para ela.</p> <p>Paz.</p> <p>Positividade.</p>

Fonte: registro particular do autor

Após a reflexão da turma e aproximações com suas experiências foi proposto aos alunos um registro sobre a música, o vídeo e as reflexões durante as aulas para retratar, expor suas ideias sobre a performance coral apreciada a partir de um desenho.

Figura 3 – Descrição Criação de aluna da EJA – Fase Inicial II



Fonte: registro particular do autor

Para continuação dessa proposta, o trabalho terá novos desdobramentos com a prática do canto coral nas turmas anteriormente mencionadas. Elas aprenderão a música “Paciência” por meio de ensaios no formato de canto coral para apresentar à comunidade escolar. Na performance será também englobada alguns movimentos corporais que poderão ser criados pelos alunos a partir das observações do vídeo e de novas interpretações realizadas por eles.

É importante ressaltar que esse trabalho foi realizado em escolas que o pesquisador não havia ministrado aulas em anos anteriores. Os alunos relataram que não tiveram contato com a linguagem música na disciplina Arte e para estudo dos conteúdos inerentes à música, a partitura da música “Paciência” será apresentada para um estudo da notação musical que é prevista no RC (2020).

Na partitura realizaremos a exposição das notas musicais presentes na música, iniciando a localização da nota sol, indicação do andamento informado na música, compasso, figuras de notas, figuras de pausas, noção de harmonia trazidas já pelos acordes, pulsação, rítmica, dentre outras possibilidades inerentes à linguagem musical.

Considerações

A partir do estudo realizado percebemos a existência de várias possibilidades de atividades artísticas a partir da apreciação da performance de Canto Coral, por meio do vídeo apresentado da música “Paciência” e que podem culminar na escola como: práticas do Canto Coral com análises musicais, descrição da performance, execução musical em si (estudo das técnicas vocais e expressão corporal), dentre outras que se aproximam das habilidades contidas no RC (2020).

É importante ressaltar que há possibilidades de fundamentação em outras habilidades que não foram elencadas nessa descrição da Música “Paciência”, as quais podem contribuir para a elaboração de variadas experiências na perspectiva de Bondía (2002) e em Souza (2021), pelas experiências artísticas que perpassam pelo sentido da experiência estética. Descrever a performance do Coral da UNIFESP com a Música “Paciência” e realizar um diálogo com os autores foi uma experiência estética da arte que trouxe conceitos e demonstraram a intencionalidade do pesquisador para realizar desdobramentos das poéticas da linguagem música em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

BECK, Alexandre. Armandinho. Facebook, 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144/1586610451384255/>>. Acesso em: 21 jun. 2021.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, n. 19 p. 20-28, jan/fev/mar/abr, 2002. Disponível em: <<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=3178432&forceview=1>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

BRAZIL, Fábio; MARQUES, Isabel. Arte em Questões. São Paulo: Cortez, 2014.

CAMPO GRANDE. Linguagens: referencial curricular REME. Campo Grande - MS: SEMED, 2020. Disponível em: <<https://gefem-semed.blogspot.com/p/referencial-curricular-da-reme-2020.html>>. Acesso em: 18 de junho de 2021.

CORAL UNIFESP. Cinco Olhares sobre Lenini: Paciência (Lenine/Dudu Falcão). São Paulo, 2016. 1 vídeo (4 min. e 36 segs.). Publicado pelo Canal LeMesquitaCoral. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=byOimRCQKTc>>. Acesso em: 21 de jun. 2021.

GABORIM-MOREIRA, Ana Lúcia Iara. Regência coral infantojuvenil no contexto da extensão universitária: a experiência do PCIU. 574 p. São Paulo, Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicações e Artes da USP. São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27158/tde-06092016-113253/pt-br.php>>. Acesso em: 18 jun. 2021.

LAKSCHEVITZ, Elza. Entrevista a Agnes Schmelling. *In*: Ensaaios. Olhares sobre a música coral brasileira. Rio de Janeiro: Oficina Coral, 2006.

PEREIRA, Sérgio Paulo de Andrade. Lenine e a música “predatória” brasileira: o conceito de antropofagia musical. Dissertação. Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura – universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo. 2013. Disponível em: <<http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/1881>>. Acesso em 20 jun. 2021.

RAO, Doreen (Ed.). Choral music for children: na annotated list, Reston, Virginia (USA): R&L Education, 1990.

SOUZA, Paulo C. A. Por quem somos e seremos: fenomenologia, saberes populares, arte e docência. *In*: SOUZA, Paulo C. A.; ABREU, Simone R.; FERNANDES, Vera L. P. (Orgs.). Percursos na formação em arte: abordagens e reflexões epistemológicas. Campo Grande: Ed.UFMS, 2021, p. 1-33. [no prelo].